



LAMARCK, J.-B.
FILOSOFIA ZOOLOGICA, VOL. I, PT. 1, CAP. 2
(IMPORTÂNCIA DA CONSIDERAÇÃO DAS RELAÇÕES)¹

Rodrigo Barros Gewehr (Tradutor)

Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Université Paris Diderot
Professor no Instituto de Psicologia e na Pós-graduação em Filosofia da UFAL
rodrigo.gewehr@ip.ufal.br

CAPÍTULO II.

Importância da consideração das relações.

Dentre os seres vivos [*corps vivans*], deu-se o nome de *relação* [*rapport*], entre dois objetos considerados comparativamente, a traços de analogia ou de semelhança, tomados no conjunto ou na generalidade de suas partes, mas atribuindo maior valor às mais essenciais. Quanto mais esses traços possuem conformidade e extensão, mais as *relações* entre os objetos que apresentam [esses traços] são consideráveis. Eles indicam uma espécie de parentesco entre os seres vivos [*corps vivans*] que estão neste caso, e fazem sentir a necessidade de apro-

1 Em nossa tradução, utilizamos como textos de partida duas edições da obra *Philosophie Zoologique: ou expositions des considérations relatives à l'histoire naturelle des animaux*, tomo primeiro, uma publicada pela Imprimerie de Duminil-Lesueur, em 1809 (<http://google.com/books/reader?id=xiNiAAAACAAJ>), e outra publicada pela editora F. Savy, em 1873 (<https://books.google.com/books?id=ZzkfONqn9dQC>), ambas em domínio público. Além disso, traduzimos alguns termos utilizados na obra por termos atuais específicos do léxico das Ciências Biológicas. Por exemplo, traduzimos o termo "*corps vivans*" por seres vivos e os termos "*corps organisés*" e "*corps naturels*" por organismos.

ximá-los em nossas distribuições, proporcionalmente à grandeza de suas relações.

Que mudança as ciências naturais não sofreram em sua marcha e progresso, desde que se começou a prestar uma atenção séria à consideração das *relações*, e sobretudo desde que se determinou os verdadeiros princípios que dizem respeito a estas relações e seu valor!

Antes dessa mudança, nossas distribuições botânicas estavam totalmente à mercê do arbitrário e da assistência de sistemas artificiais de todos os autores; e no reino animal, os animais sem vértebras, que abrangem a maior parte dos animais comuns, ofereciam, na sua distribuição, os conjuntos mais díspares, uns sob o nome de *insetos*, outros sob o nome *vermes*, apresentando animais os mais distintos e mais distantes entre si sob a consideração das relações.

Felizmente, o cenário agora mudou a este respeito; e doravante, se se continua a estudar a história natural, seus progressos estão garantidos.

A consideração das *relações naturais* impede toda arbitrariedade de nossa parte nas tentativas que fazemos para distribuir metodicamente os organismos [*corps organisés*]; ela mostra a lei da natureza que nos deve dirigir no método natural; ela força as opiniões dos naturalistas a se reunir no que diz respeito ao lugar que atribuem, inicialmente, às massas principais que compõem sua [*leur*] distribuição e, em seguida, aos objetos particulares dos quais estas massas são compostas; ela enfim lhes obriga a representar a ordem mesma seguida pela natureza ao dar existência a suas produções.

Desta feita, tudo que diz respeito às relações que os diferentes animais possuem entre si, deve-se constituir como o mais importante objeto de nossas pesquisas, antes de toda a divisão e de toda a classificação entre eles.

Ao citar aqui a consideração das *relações*, não se trata somente daquelas que existem entre as espécies, mas é igualmente questão de fixar as *relações gerais* de todas as ordens que aproximam ou afastam as massas que se devem considerar comparativamente.

As *relações*, ainda que muito diferentes em valor a depender da importância das partes que as compõem, podem no entanto estender-se até a conformação das partes exteriores. Se elas [as relações] são de tal modo consideráveis que, não somente as partes essenciais mas até mesmo as partes exteriores não oferecem nenhuma diferença determinável, então os objetos considerados são apenas indivíduos de uma mesma espécie; mas se, apesar da extensão das relações, as partes exteriores apresentam diferenças perceptíveis [*saisissables*], todavia sempre menores que as semelhanças essenciais, nesse caso os objetos considerados são espécies diferentes de um mesmo gênero.

O importante estudo das relações não se limita a comparar classes, famílias, ou mesmo espécies entre si, para determinar as relações que se encontram entre esses objetos, ele abarca também a consideração das partes que compõem os indivíduos; e ao comparar entre si os mesmos tipos de partes, este estudo encontra um modo sólido de reconhecer ou a identidade de indivíduos de uma mesma raça, ou a diferença que existe entre as raças distintas.

Com efeito, notou-se que as proporções e as disposições das partes de todos os indivíduos que compõem uma espécie ou uma raça mostravam-se sempre as mesmas, e por esta via pareciam sempre se conservar. Disso se concluiu, com razão, que a partir do exame de algumas partes separadas de um indivíduo, poder-se-ia determinar a qual espécie conhecida ou nova para nós essas partes pertencem.

Este método [*moyen*] é bastante favorável ao avanço de nossos conhecimentos sobre o estado das produções da natureza no momento em que observamos. No entanto, as demarcações que dele resultam só podem ser válidas por um tempo limitado, pois as próprias raças mudam o estado de suas partes, na medida em que as circunstâncias que influem sobre elas variam consideravelmente. A bem da verdade, tendo em vista que essas mudanças só ocorrem numa lentidão enorme que nos torna sempre insensíveis a elas, as proporções e as disposições das partes parecem sempre as mesmas ao observador, que efetivamente nunca as vê mudar; e quando ele encontra [proporções e disposições das partes] que sofreram tais mudanças, como ele não as pôde observar, supõe que as diferenças que percebe tenham sempre existido.

Não é menos verdade que, comparando partes do mesmo tipo que pertencem a indivíduos diferentes, determina-se fácil e seguramente as relações próximas ou distantes que se encontram entre essas partes, e que na sequência se reconhece se essas partes pertencem a indivíduos da mesma raça ou de raças diferentes.

Somente a consequência geral é que apresenta defeito, tendo-se chegado a ela de maneira muito inconsiderada. Terei mais de uma ocasião de o provar no curso desta obra.

As *relações* são sempre incompletas quando elas incidem apenas sobre uma consideração isolada, ou seja, quando elas são determinadas tão somente a partir da consideração de uma parte tomada separadamente. Mas mesmo que incompletas, as relações fundadas sobre a consideração de apenas uma parte são, ainda assim, tanto maiores quanto mais essencial a parte que as compõe, *et vice versa*.

Existem, pois, graus determináveis entre as relações reconhecidas, e graus [*valeurs*] de importância entre as partes que podem viabilizar essas relações. A bem da verdade, este conhecimento teria ficado sem aplicação e sem utilidade se, nos seres vivos [*corps vivans*], não se tivesse discernido as partes mais importantes daquelas que são menos [importantes]; e se entre essas partes importantes, que são de diferentes tipos, não se tivesse encontrado o princípio capaz de estabelecer entre elas valores não arbitrários.

As partes mais importantes, e que devem fornecer as principais *relações*, são, nos animais, as essenciais à conservação da vida; e nos vegetais, aquelas que são essenciais à sua regeneração.

Assim, nos animais, será sempre a partir da *organização* interior que se determinará as principais relações; e nos vegetais, será sempre na parte da *frutificação* que se procurará as relações que podem existir entre esses diferentes seres vivos [*corps vivans*].

No entanto, tendo em vista que entre uns e outros, as partes mais importantes a se considerar na pesquisa das relações são de tipos diferentes, o único princípio conveniente de se utilizar para determinar, sem arbitrariedade, o grau de importância de cada uma dessas partes, consiste em considerar ou o maior emprego que a natureza faz delas, ou a importância mesma da faculdade resultante para os animais que possuem esta parte.

Nos animais, para os quais a organização interior fornece as principais relações a considerar, três tipos de órgãos especiais são escolhidos entre os demais, com razão, como os mais apropriados a fornecer as relações mais importantes. Eis aqui sua indicação, de acordo com a ordem de importância:

1. *O órgão do sentimento*. Os nervos, tendo um centro de relação único como nos animais que possuem um cérebro, ou múltiplo, como naqueles que possuem uma medula longitudinal nodosa.

2. *O órgão da respiração*. Os pulmões, as guelras e as traqueias.

3. *O órgão da circulação*. As artérias e as veias, possuindo muitas vezes um centro de ação que é o *coração*.

Os dois primeiros destes órgãos são os mais frequentemente utilizados pela natureza e são, por conseguinte, mais importantes que o terceiro, ou seja, que o *órgão da circulação*; pois este desaparece depois dos crustáceos, enquanto os dois primeiros se estendem ainda aos animais de duas classes após os crustáceos.

Enfim, entre os dois primeiros, é o órgão do sentimento que tem maior valor para as relações, pois ele produz a mais importante das faculdades animais; e, além disso, sem este órgão a ação muscular não ocorreria.

Se tivesse que falar dos vegetais, nos quais as partes essenciais à sua regeneração são as únicas que fornecem os caracteres principais para a determinação das relações, eu apresentaria essas partes na sua ordem de valor ou importância da seguinte maneira:

1. O embrião, seus acessórios (os cotilédones, o perisperma), e o grão que o contém;
2. As partes sexuais das flores, tais como o pistilo e os estames;
3. Os involúcros das partes sexuais; a corola, o cálice, etc.;
4. Os involúcros do grão, ou o pericarpo;
5. Os corpos reprodutivos que não possuem nenhuma exigência de fecundação.

Tais princípios, em sua maioria reconhecidos, dão às ciências naturais uma consistência e uma solidez que não possuíam anteriormente. As relações que se determinam quando conformadas a estes princípios não estão de forma alguma sujeitas às variações da opinião; nossas distribuições gerais tornam-se obrigatórias [*forcées*] e à medida que nós as aperfeiçoamos com a ajuda destes meios, tanto mais elas se aproximam da ordem mesma da natureza.

Com efeito, foi após ter-se percebido a importância da consideração das relações que se viu nascer os ensaios que foram realizados, sobretudo nos últimos anos, para determinar o que se denomina como *método natural*; método que

é tão somente um esboço traçado pelo homem da marcha seguida pela natureza para fazer existir suas produções.

Agora, em França, não se presta mais atenção a esses sistemas artificiais fundados sobre caracteres que comprometem as *relações* naturais entre os objetos sujeitos a elas; sistemas que davam lugar a divisões e distribuições prejudiciais ao avanço de nossos conhecimentos sobre a natureza.

Em relação aos animais, estamos agora convencidos, com razão, de que é unicamente de sua organização que as relações naturais podem ser determinadas entre si. Consequentemente, é sobretudo da anatomia comparada que a zoologia tomará todas as luzes necessárias para a determinação dessas relações. No entanto, é importante observar que são particularmente os fatos o que devemos recolher dos trabalhos dos anatomistas que se debruçaram a descobri-los, e nem sempre as consequências que eles tiram dessas descobertas, pois com muita frequência essas descobertas são tributárias de perspectivas que poderiam nos distanciar e nos impedir de apreender as leis e o verdadeiro plano da natureza. Aparentemente, a cada vez que o homem observa qualquer fato novo, ele se vê condenado a ser sempre lançado em algum erro ao querer atribuir-lhe a causa, tão fecunda é sua imaginação na criação de ideias, e por que ele é demasiado negligente em guiar seus julgamentos pelas considerações de conjunto que as observações e os outros fatos recolhidos podem lhe oferecer.

Quando nos ocupamos das *relações naturais* entre os objetos, e que tais relações são bem consideradas; as espécies sendo aproximadas a partir desta consideração, e reunidas por grupos entre certos limites, formam o que denomina-

mos *gêneros*. Os gêneros aproximados do mesmo modo a partir da consideração das relações, e reunidos também por grupos de uma ordem que lhes é superior, formam o que denominamos *famílias*. Estas famílias, por sua vez, igualmente aproximadas, e com base na mesma consideração, compõem as *ordens*. Estas, pelos mesmos meios, dividem primeiramente as *classes*². Por fim, estas últimas partilham cada reino em suas principais divisões.

Portanto, são sempre as *relações naturais* bem consideradas que devem nos guiar nas classificações [*assemblages*] que formamos ao determinar as divisões de cada reino em *classes*, de cada classe em *ordens*, de cada ordem em *seções* ou *famílias*, de cada família em *gêneros*, e de cada gênero em diferentes espécies, se for o caso.

Estamos perfeitamente fundamentados para pensar que a série total dos seres que fazem parte de um reino distribuído em uma ordem de todo sujeita à consideração das relações representa a *ordem mesma da natureza*. No entanto, como o mostrei no capítulo anterior, é importante salientar que os diferentes tipos de divisões que precisam ser estabelecidos nesta série para se poder conhecer mais facilmente seus objetos não pertencem de forma alguma à natureza, e são de fato artificiais, ainda que ofereçam porções naturais da ordem mesma que a natureza instituiu.

Se acrescentamos a essas considerações que, no reino animal, as relações devem ser determinadas principalmente a partir da organização, e que os princípios que se devem empregar para fixar essas relações não devem deixar a me-

2 Grifo nosso.

nor dúvida sobre seu fundamento, teremos, em todas essas considerações, bases sólidas para a *filosofia zoológica*.

Sabemos que toda ciência deve ter sua *filosofia*, e que é somente por esta via que ela faz progressos reais. Em vão os naturalistas consumirão seu tempo a descrever novas espécies, a apreender todas as nuances e pequenas particularidades de suas variações para ampliar a lista imensa de espécies inscritas; numa palavra, a instituir gêneros vagamente, modificando sem cessar o emprego das considerações para caracterizá-los; se a filosofia da ciência é negligenciada, seus progressos serão sem realidade e a obra inteira permanecerá imperfeita.

Com efeito, foi somente depois da iniciativa de se fixar as relações próximas ou distantes que existem entre as diversas produções da natureza, e entre os objetos inclusos nos diferentes recortes que formamos entre essas produções, que as ciências naturais obtiveram alguma solidez em seus princípios, e uma *filosofia* que as constitui como verdadeiras ciências.

Quantas vantagens para seu aperfeiçoamento nossas distribuições e nossas classificações obtiveram do estudo continuado das relações entre os objetos!

De fato, foi estudando essas relações que eu reconheci que os animais *infusórios* não podem mais ser associados aos pólipos na mesma classe; que os *radiatas* não devem tampouco ser confundidos com os pólipos; que as [classes] que são moles [*mollasses*], tais como as medusas e outros gêneros avizinados ao que mesmo Lineu e Bruguière classificavam entre os moluscos, aproximam-se essencialmente dos equinodermos e devem formar com estes uma classe particular.

Foi ainda estudando as relações que me convenci de que os *vermes* formavam um recorte isolado, compreendendo animais muito diferentes dos que constituem os *radiatas*, e mais ainda os pólipos; que os aracnídeos não podiam mais fazer parte da classe dos insetos; e que os *cirrípodes* não eram anelídeos nem moluscos.

Enfim, foi estudando as relações que eu cheguei a operar uma série de reorganizações [*redressements*] essenciais na própria distribuição dos moluscos, e que reconheci que os *pterópodes* que, por suas relações, são bastante avizinhadados, mesmo se distintos, dos gastrópodes, não devem ser posicionados entre os gastrópodes e os cefalópodes; mas sim que é preciso coloca-los entre os moluscos acéfalos dos quais eles são próximos e os gastrópodes – estes *pterópodes* não possuindo olhos, como todos os acéfalos, e quase sem cabeça, a *hyale* não sendo mais que uma aparência. Vejam no sétimo e último capítulo desta primeira parte a distribuição particular dos moluscos.

Quando, entre os vegetais, o estudo das relações entre as diferentes famílias reconhecidas nos tiver esclarecido mais, e nos tiver feito conhecer melhor a posição que cada uma deles deve ocupar na série geral, então a distribuição desses seres vivos [*corps vivans*] não deixará ao arbitrário onde se agarrar, e tornar-se-á mais conforme a ordem mesma da natureza.

Assim, a importância do estudo das *relações* entre os objetos observados é tão evidente que devemos agora olhar este estudo como o principal entre os que podem fazer avançar as ciências naturais.



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).